



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

VIRGINIA WOOLF

A VIAGEM



ADELINA VIRGINIA WOOLF nasceu em Londres, em 1882, no seio de uma abastada família inglesa. Filha de um notável historiador da era vitoriana, Virginia foi a sétima de oito irmãos. Em 1895, a morte prematura da mãe e um primeiro colapso mental marcaram um ponto de viragem na sua vida. Entre 1897 e 1901, estudou os clássicos e História e, em 1904, após a morte do pai, a família mudou-se para Bloomsbury, onde Virginia viria a fazer parte do renomado Grupo de Bloomsbury, que revolucionou a vida artística e literária de Inglaterra. Em 1912, casou com Leonard Woolf, com quem fundou a Hogarth Press, editora onde publicou, entre vários autores importantes da literatura inglesa, os seus próprios livros, o primeiro dos quais *A Viagem*, em 1915. Os romances *Mrs. Dalloway* (1925), *Rumo ao Farol* (1927), *Orlando* (1928), *As Ondas* (1931) e o apaixonado ensaio feminista *Um Quarto Só Seu* (1929) são algumas das obras mais destacadas do modernismo britânico, que colocaram Woolf na lista das escritoras mais influentes da literatura do século xx. Em 1941, após um longo período sob o espectro da depressão e de violentas crises de saúde mental, Virginia Woolf suicidou-se. Tinha 59 anos.

MIGUEL ROMEIRA nasceu em Lisboa. É formado pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa e pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian e bolseiro de mérito do Instituto Politécnico de Lisboa. Estudou no Lee Strasberg Institute de Nova Iorque. Traduziu do inglês autores como Eimear McBride, Anna Burns, Hanya Yanagihara, Bernardine Evaristo, William Boyd, Gerald Murnane, David Szalay, Cynan Jones, Viet Thanh Nguyen, Ray Bradbury, J. G. Ballard e Czesław Miłosz, bem como ficção juvenil e não ficção. Para inglês, traduziu obras juvenis, peças de teatro e biografias, *dossiers* de imprensa e *coffee-table books*, e colaborou com o MAAT — Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, com o CCB — Centro Cultural de Belém, e com o autor Joel Neto. Em 2006, publicou a novela *O Jogo do Massacre* pela Fronteira do Caos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	
Sobre traduzir <i>A Viagem</i>	vii
A Viagem	1
CAPÍTULO I	5
CAPÍTULO II	23
CAPÍTULO III	41
CAPÍTULO IV	61
CAPÍTULO V	83
CAPÍTULO VI	93
CAPÍTULO VII	105
CAPÍTULO VIII	115
CAPÍTULO IX	125
CAPÍTULO X	149
CAPÍTULO XI	165
CAPÍTULO XII	183
CAPÍTULO XIII	207
CAPÍTULO XIV	215
CAPÍTULO XV	237
CAPÍTULO XVI	255
CAPÍTULO XVII	273
CAPÍTULO XVIII	297
CAPÍTULO XIX	303

CAPÍTULO XX	325
CAPÍTULO XXI	341
CAPÍTULO XXII	357
CAPÍTULO XXIII	373
CAPÍTULO XXIV	383
CAPÍTULO XXV	397
CAPÍTULO XXVI	431
CAPÍTULO XXVII	445

INTRODUÇÃO

Sobre traduzir *A Viagem*

Em *A Última Noite*, filme de 2010 de Massy Tadjedin, dois apaixonados reencontram-se. Ambos são escritores. Ele tornou-se um autor de sucesso, ela debate-se com a difícil segunda obra. Nessa noite, ela diz: «O nosso primeiro livro vive connosco a vida inteira. Simplesmente... sai de nós.» A frase pode aplicar-se ao primeiro romance de Virginia Woolf, ou não, consoante a perspectiva, mas uma coisa é certa: em *A Viagem*, há muitas ideias que a autora desenvolveu posteriormente — e há ecos da sua vida.

Logo na estreia literária, Virginia Woolf apresenta-nos a sua personagem mais emblemática, aquela que todos conhecem pelo menos de nome: Mrs. Dalloway. Trata-se de uma personagem secundária, presente apenas na primeira parte da história, mas que se fará sentir quase até ao desfecho, porque a sua entrada em cena, acompanhada do marido, Richard Dalloway, marca o começo da transformação da protagonista, Rachel. Sendo o primeiro contacto físico entre as duas relativamente insuspeito (mesmo se, antes disso, apenas nos foi descrito outro — ou a sua tentativa fracassada — entre marido e mulher), o certo é que, pouco mais adiante, Rachel já está seduzida. «Clarissa era fascinante. Era uma visão», pensa ela, e no capítulo seguinte lemos: «Mal abria os olhos de tão ensonada. Ainda assim, achou Mrs. Dalloway deslumbrante.»

Rachel cresceu superprotegida. É tímida, inexperiente e desajeitada no convívio. Fecha-se a tocar piano horas a fio e sabe que

ser mulher no começo do século xx em Inglaterra a desterra automaticamente num mundo fechado a oportunidades de aprender, saber e fazer. Então, surgem os Dalloways. Richard Dalloway fascina-a intelectualmente, depois beija-a. Ainda que a sensibilidade atual e mesmo a biografia da autora possam ditar leituras dessa passagem, em qualquer romance clássico que se preze, tal momento assinalaria o acordar sexual (sensual, sensorial — o que lhe quisermos chamar) da protagonista, mas o caso é que, entre estes dois, nada há de romântico. Rachel fica lisonjeada por um homem do mundo lhe dar atenção e quer o respeito intelectual desse homem. Chegamos a sentir que ela quer a vida dele.

O primeiro rumor de intimidade surge com Clarissa Dalloway, que a faz corar e não saber que fazer das mãos. Clarissa diz-lhe que ela é «horrível» e que «não [sabe] se lhe [perdoa]», mas isso é *flirt* e não indignação. Mrs. Dalloway «[parece] entendê-la sem que [sejam] necessárias palavras» e fá-la querer contar-lhe «coisas que nunca dissera a ninguém e de que ela própria acabava de se inteirar». Helen, tia de Rachel, nota — enciumada — a transformação da sobrinha e abre hostilidades a Mrs. Dalloway. A inimizade é declarada, mas termina quando a força dos elementos conspira de maneira a deixá-las sozinhas.

Portanto, na primeira parte do livro, temos um triângulo amoroso no feminino, e a linguagem usada por Virginia Woolf nas combinações Rachel/Helen, Rachel/Clarissa e Helen/Clarissa não podia ser mais expressiva, nem que seja pelo contraste com a conversa entre Rachel e Richard, que é intelectual, ideológica, cerebral.

Isso repete-se mais tarde, quando surge Terence Hewet, de quem Rachel fica noiva, mas, neste caso, teremos Helen e Hewet a disputarem Rachel. De novo, a aproximação da protagonista a um homem é cerebral, e Woolf leva-nos a visitar o pensamento do galã quando ele pergunta a si mesmo: «Começaria o amor com esse desejo de se continuar a conversar?» E a resposta: «Não. No seu caso, começava sempre com sensações inequivocamente físicas e não havia sinal delas. Na verdade, nem tão-pouco se sentia

atraído por Rachel.» Entretanto, a cumplicidade entre ela e a tia cresce e terá expressão física. Tratando-se do par amoroso que ganha dominância na história, «seria amor, mas não era o amor do homem pela mulher», diz-nos Woolf, depois de nos descrever o desconforto físico que os dois sentem de parte a parte e de nos dar a saber que, estando noivos, eles se beijaram uma única vez — déficit que não podemos atribuir à época em que a ação decorre, porque antes disso conhecemos Arthur e Susan, que depressa estão a dar «uma cambalhota nas ervas».

A *Viagem* distingue-se dos oito romances subsequentes de Woolf por ser o único que não é conceptual: a partir do segundo, *Noite e Dia*, e até ao último, *Entre os Atos*, há sempre uma geometria que rege o livro, mas neste, Woolf vai desenhando a planta da casa à medida que ela avança, e daí nasce um jogo de rimas e reencenações: Arthur e Susan ficam noivos, depois Rachel e Terence ficam noivos, e, independentemente dos motivos de cada um, sentimos nos primeiros uma centelha que falta aos outros; há um triângulo amoroso na primeira parte, a bordo do *Eufrosina*, e há outro na segunda, passada em terra, ou quase toda em terra, porque temos uma excursão rio acima (quando já houve uma viagem transatlântica). Então, no domingo em que participa no culto protestante na antiga capela dos monges, Rachel sobe ao quarto de Mrs. Flushing, depois ao de Evelyn, e por fim segue Miss Allan até ao quarto dela. Nessa altura, vamos sensivelmente em dois terços da narrativa, e esses três encontros são febris de sugestão: duas pessoas conversam e Woolf particulariza o que acontece com as vozes e os corpos como não fez tratando-se do par romântico central — e chamo-lhe romântico apenas por arrumação, porque este pode bem ser um dos namoros mais aflitivos da história da literatura.

Nas cenas de Rachel com Mrs. Flushing, depois Evelyn, depois Miss Allan, tudo é sensualidade, porque tudo envolve os sentidos. A tónica está nos olhares, no toque, nos gestos, na postura, nos movimentos. Elas falam e elas *escutam-se*. Já os momentos com

Terence são vazios de sensualidade porque são eventos intelectuais: os dois falam de literatura, ele critica-a e tenta ensiná-la, depois sublima aquilo que sente (ou não fosse um pretense romancista) e cobra aquilo que não sente que ela sinta. Andando desvairados pelo quarto, os dois evitam tocar-se nem que seja de raspão, e, na última parte do livro, quando Rachel adocece, a presença de Terence desagrada-lhe e fá-la virar-se para o outro lado. Nessa altura, vimo-la a sós com várias personagens femininas e esses momentos estão carregados da tensão do imprevisível, da sensação de que tudo pode acontecer, de vontades desgobernadas, quando, ficando ela e Terence sozinhos, não há vontade de nada que não seja cérebro, talvez à imagem do casamento assexual da autora e de Leonard Woolf (assim o caracterizou Michael Cunningham num prefácio à edição de 2001 do romance na Modern Library).

Qualquer romance à boa moda antiga tem um par enamorado, mas, logo na estreia, Virginia Woolf mostra ao que vem e começa a distanciar-se do modelo clássico, porque o seu galã e a sua donzela são um par fracassado e tragicómico, e por fim trágico. Até lá, não faltam momentos divertidos, e, se muitos aspetos da obra de Woolf são valorizados e elogiados, tende a dar-se menos destaque ao tom cáustico, cortante, ácido, muitas vezes misturado com um lamento pelos limites impostos às mulheres pela sociedade e autoimpostos pelas mulheres que os aceitavam.

Boris Vian escreveu que o humor «é o desespero bem-educado». Ou seja, o humor é um assunto muito sério. Por isso, traduzir Virginia Woolf pode ser uma oportunidade a não perder de lhe vincar o humor aguçado, atrevido e irreverente, tanto mais precioso quanto é conhecida a fragilidade da sua saúde mental, que a perseguiu e lhe ditou o fim. À data em que publicou *A Viagem*, ela já sofrera três crises de depressão aguda e fora internada. Sabendo-se que temia a loucura e que esse medo a levou ao suicídio, é curioso ler aqui passagens em que Woolf parece investigar as possibilidades plásticas da loucura, olhando-a não como coisa a temer, mas como matéria artística, como linguagem.

Se qualquer obra literária permite mais que uma tradução, outras, como esta, são tão cheias de entradas e passagens secretas que os caminhos se multiplicam. Senão, basta pensarmos que, três anos antes de haver *A Viagem*, estava concluída uma primeira versão, *Melymbrosia*, que era mais feroz tratando-se de sexo ou de política e que a autora acabou por reescrever. A ideia desta tradução foi valorizar essa dimensão cubista, que chega a ser um multiverso. Muitas vezes, os autores que o tempo tornou incontornáveis intimidam-nos, fazem-nos antecipar esforço, mas é injusto e é pena que aconteça, mais ainda num caso como este, que apenas nos faz descobrir uma jovem escritora que se debatia com a sanidade, a sexualidade, a condição feminina (que traz emaranhada a condição masculina) e a busca pela sua voz. Haverá preocupações mais na ordem do dia?

Assim, deixei-me guiar pelo entusiasmo. *A Viagem* faz sorrir e até damos algumas gargalhadas; é experimental como muitas obras experimentais atuais não são; e é um vórtice de linguagem insinuante quando desenha as possibilidades eróticas entre duas mulheres, ou a liberdade, enquanto o casamento (à época, apenas entre homem e mulher) é uma prisão («Casamentos e mais casamentos: não havia melhor coisa a fazer nem outra coisa a fazer»).

Para que estas ideias se pudessem ler com a imediatez que imaginei que teriam quando o livro foi publicado, e para que o lado inesperado e surpreendente desta escrita não pudesse deixar de sobressaltar, usei alguns anacronismos e um pouco de oralidade; referências obscuras foram trazidas mais perto da luz; e houve casos, como o começo do Capítulo XV, em que a escolha das palavras em português tornou forçosamente explícito o que no original talvez seja mais implícito.

Consultei outras traduções, por vezes para saber do que me afastava, como numa passagem que, entre outras possibilidades, poderá ser a depreciação dos parlamentaristas em favor dos defensores da monarquia absoluta — irónica, claro, talvez porque os parlamentaristas não se resolviam a avançar com o direito de voto das mulheres. Se é uma interpretação falhada, fique como prova

de que, entre certas e erradas, uma frase permite mil leituras. Mais adiante, as «senseless beasts» poderão ser as crianças da aldeia visitada durante a excursão rio acima, e, sendo inegável que os santa-marinenses não chegam a ser pessoas inteiras na narrativa, a verdade é que a própria Woolf apenas conhecia outros como ela, não que isso lhe bastasse — e, quando nos mostra uma protagonista sufocada pelo círculo social fechado a que está condenada, não é um grande salto da imaginação pensarmos que lhe está a emprestar sentimentos seus. Talvez isso explique lermos «*signor* Rodriguez» e «*signora* Lola Mendoza» quando *signor* (ou *signore*) e *signora* são termos italianos e a ação decorre na América do Sul: pode ter sido simples distração, mas ganha valor cômico se a deixarmos por conta do anglocentrismo, que não parece uma escolha, antes tem laivos de pena de prisão. A um tempo carrascos e vítimas do preconceito de classe, os ingleses desta história não têm de ir fora do círculo dos seus congêneres nem mesmo para discriminar: diferenciam entre caras mais avermelhadas e menos avermelhadas, entre os que têm berço e os nascidos de uniões ilegítimas, os que vestem assim e os que vestem assado, a aparência e os modos deste *versus* a aparência e os modos daquele, e por aí fora. A dada altura, há perplexidade ante o comportamento destes veraneantes que, em vez de saírem a conhecer a ilha ou irem à praia, se fecham no hotel a apreciar criticamente os outros como eles. Essa perplexidade torna-se poesia no último capítulo, quando a sátira já deu vez à tragédia, e, porque *A Viagem* é um jogo de rimas, se antes vimos Rachel sozinha com Mrs. Flushing, depois Evelyn, depois Miss Allan, mais tarde testemunhamos a reação privada de cada uma delas à morte da jovem. E, para rematar, vemos não acontecer o noivado entre Evelyn e Perrott, numa espécie de resolução em espelho do par central.

Depois, temos o jogo da própria literatura. Entre escritores e livros reais e inventados, as referências ultrapassam três dezenas. Há excertos de outras obras, mas, seguindo o gesto da autora, não estão identificados a menos que isso aconteça pela voz ou pelo

pensamento de alguma personagem. A informação que Woolf nos quer dar é tornada ação, o resto é um mar de conhecimento (outro mar!) em que cada um deles — e cada um de nós — encontra um rumo. Mrs. Dalloway, por exemplo, confessa-se admiradora absoluta de Antígona, que viu no grego original; elogia-lhe a atualidade e diz conhecer vinte Clitemnestras na vida real, mas afinal não entende uma palavra de grego, antes se encanta com a sonoridade da língua. Por isso, a opção foi não traduzir o excerto: a experiência do leitor é a experiência da personagem.

A palavra «viagem» é muito evocativa, daí que o título português seja o mesmo de traduções anteriores, mas *voyage out* também pode significar «projeto ambicioso» ou «viagem só de ida». Seriam títulos possíveis, embora o segundo não deixe de levantar a ponta do véu sobre o desfecho da história. Basta *A Viagem*.

Voltando à citação extraída do filme *A Última Noite*: pode rebater-se que a frase se aplica a Virginia Woolf, ou que, do outro lado do espelho, *A Viagem* é uma autobiografia, ou autoficção, mas há esta coincidência: a última frase do bilhete de suicídio que Woolf deixou ao marido em 1941 já estava neste primeiro romance, apenas ligeiramente diferente, e dita por Terence (duplo ficcional de Leonard Woolf) a Rachel (duplo ficcional de Virginia Woolf) depois de ela morrer, não pela sua mão, mas de uma doença misteriosa:

Jamais houve duas pessoas tão felizes como nós fomos.

Miguel Romeira

Pela ajuda não declarada, um agradecimento especial ao Nuno Quintas, revisor e colega tradutor.

A Viagem

A L. W.

CAPÍTULO I

As ruas que descem da Strand ao cais são tão estreitas que não é boa ideia vir por elas de braço dado. Quem insistir nisso obrigará os empregados dos escritórios de advogados a desviarem-se de um salto, fazendo-os enlamear os sapatos, e deixará impacientes as jovens datilógrafas que, vindo imediatamente atrás do par de braço dado, não o conseguem ultrapassar. Nas ruas de Londres, onde a beleza passa despercebida, a excentricidade será castigada; mais vale não ser demasiado alto, usar uma longa capa azul ou gesticular com a mão esquerda.

Numa tarde no começo de outubro, quando o trânsito se começava a intensificar, um homem alto veio avançando pela beira do passeio, trazendo uma senhora pelo braço. Olhares zangados fulminavam-nos pelas costas. Figuras agitadas e diminutas — pouco haveria quem se pudesse dizer alto se comparado com aquele casal —, ornadas de caneta de tinta permanente e segurando pastas de documentos, tinham horários a cumprir a troco de um salário semanal, daí serem mais ou menos justificados os olhares desagradados de que eram alvo a estatura de Mr. Ambrose e o manto de Mrs. Ambrose. Contudo, algum sortilégio protegia aquele homem e aquela mulher da má vontade e da antipatia. No caso dele, julgar-se-ia, pelo movimento dos seus lábios, que a sua blindagem era o pensamento; no caso dela, que olhava fixamente em diante, acima da linha do olhar de quase todos à sua

volta, parecia ser o desgosto. Se não lhe caíam lágrimas, era apenas porque não fazia caso de ninguém, e era-lhe evidentemente penoso que as pessoas roçassem nela. Durante um minuto ou dois, observou estoicamente o trânsito à beira-rio, depois puxou a manga do marido e os dois atravessaram por entre a fumarada dos automóveis. Na segurança do lado de lá, ela largou delicadamente o braço do marido e permitiu-se descontraír os lábios, que estremeceram; caíram-lhe as lágrimas e, apoiando os cotovelos na balaustrada, escondeu o rosto de olhares curiosos. Mr. Ambrose quis consolá-la; afagou-lhe o ombro, mas ela não se mostrou receptiva; e, pouco à vontade com um sofrimento que transcendia o seu, ele pôs-se de mãos atrás das costas e afastou-se pelo passeio.

A linha do cais é recortada e irregular, dir-se-ia uma sucessão de púlpitos; todavia, em vez de sacerdotes protestantes, ocupam-nos rapazinhos que seguram fios sobre a água, atiram seixos ou brincam com barquinhos de papel. Estando eles sempre alerta para a excentricidade, Mr. Ambrose pareceu-lhes horrível; vendo-o passar, o mais vivaço gritou «Barba-Azul!», e, prevendo que eles iriam incomodar também a sua esposa, Mr. Ambrose brandiu a bengala, o que os fez decidir que ele era tão-só grotesco, e então foram quatro a gritar, em coro:

— Barba-Azul!

Mrs. Ambrose continuou imóvel por muito mais tempo do que seria natural, mas os rapazinhos não a importunaram. Há sempre alguém parado a contemplar o rio junto da Ponte de Waterloo; se a tarde estiver agradável, casais ficam ali na conversa durante meia hora; e quem estiver a dar um passeio detém-se nas águas durante três minutos, seguindo o seu caminho depois de comparar o que vê com aquilo que viu em ocasiões passadas ou fazer algum comentário. Por vezes, as casas, as igrejas e os hotéis de Westminster evocam Constantinopla por entre as brumas; quanto ao rio, ora é densamente arroxeadado, ora cor de lama, ora do mesmo azul cintilante do mar. Vale sempre a pena olhar e ver o que acontece por ali, mas ela não olhava nem para cima nem

para baixo; tendo parado ali, a sua atenção não registara mais nada senão uma palhinha num círculo iridescente que a água fazia deslizar ao longo do cais. A palhinha e o círculo continuaram a sua navegação por trás de uma lágrima que foi engrossando até ficar tão pesada que caiu ao rio. Então, Mrs. Ambrose ouviu, rente a si,

Porsena de Clúsio
Pelos nove deuses jurou

e depois, com menor nitidez, como se aquele que dizia os versos se fosse afastando,

Que a nobre casa de Tarquínio
Não mais seria afrontada.

Sim, ela sabia que não poderia fugir ao bulício da vida, mas, por ora, tinha de chorar. Escondendo a cara, abandonou-se aos soluços como ainda não fizera e os seus ombros subiram e desceram compassadamente. Foi assim que o marido a viu quando, tendo alcançado a esfinge de bronze e por pouco não colidindo com um vendedor de postais, se voltou, e então, esquecendo a estrofe que ia recitando, regressou para junto de Mrs. Ambrose, pousou a mão no ombro dela e murmurou:

— Querida... — O tom era suplicante, mas ela escondeu o rosto como se lhe dissesse: *Nunca entenderás*.

Contudo, recusando Mr. Ambrose sair de junto dela, Mrs. Ambrose não pôde senão limpar os olhos, e fixou-se nas chaminés das fábricas na outra margem, depois nos arcos da Ponte de Waterloo e nas carroças que a atravessavam; seguindo em procissão, os animais que as puxavam faziam pensar numa barraca de tiro ao alvo na feira. Embora olhados com indiferença, fizeram-na parar de chorar, e Mrs. Ambrose recomeçou a andar.

— Prefiro ir a pé — disse ela, quando o marido fez sinal a um táxi ocupado por dois cavalheiros londrinos.

O ato de caminhar acabou por vencer aquela disposição sombria. Os automóveis que passavam, velozes, pareciam aranhas na Lua em vez de objetos terrestres; e carroças ruidosas, cabriolés e seus tinidos e pequenas carruagens de um cavalo fizeram-na atentar na realidade. Acima da linha dos edifícios, onde o fumo desenhava um cume pontiagudo, os filhos chamavam por ela, e a sua resposta aquietou-os. Quanto ao emaranhado de ruas e praças e edifícios públicos que as delimitavam, naquele momento, apenas fizeram Mrs. Ambrose tomar consciência de que Londres pouco ou nada fizera para lhe merecer amor, embora tivesse vivido ali trinta dos seus quarenta anos. Sabia decifrar o pensamento daqueles com quem se cruzava; havia os ricos, que, àquela hora, frequentavam a casa uns dos outros; havia os empregados fanáticos a caminho do escritório; e havia os pobres, que eram infelizes e justificadamente maus. Embora o sol espreitasse por entre o nevoeiro, viam-se velhos e velhas andrajosos que, sentados, se preparavam para dormir. Desistindo alguém de ver a beleza que revestia todas as coisas, eis o esqueleto que então se lhe mostrava.

Começando a cair uma chuva miudinha, cresceu o desânimo de Mrs. Ambrose. Furgonetas ostentando os mais variados nomes de negócios dos mais variados ramos — «Sprules, serradura é conosco!», «Grabb, queremos o papel que vai deitar fora!» — eram como piadas que não faziam rir; os amantes audazes escondidos sob a capa de um deles pareciam-lhe sórdidos, e a sua paixão, em declínio; as vendedoras de flores, sempre animadas, cujas conversas sempre vale a pena ouvir, afinal eram bruxas que a chuva ensopara, e, nos seus braços, as flores vermelhas, amarelas e azuis não deslumbravam. E havia o marido dela, que, caminhando num passo decidido e gesticulando ocasionalmente com a mão livre, dava ares de vikingue ou de almirante derrotado: as gaivotas tinham-lhe alterado o estado de espírito.

— Ridley, apanhamos um táxi? Vamos de táxi, Ridley? — Mrs. Ambrose teve de falar mais alto; o pensamento dele estava longe dali.

Continuando por aquela rua, depressa o táxi os levou do West End Londres adentro, e foi como se entrassem numa fábrica desmesurada onde cada pessoa tinha a sua tarefa; e, com a sua iluminação elétrica cujo brilho amarelado se refletia nos vidros das janelas, as suas casas com acabamentos cuidados e as suas minúsculas figuras animadas, que seguiam a oito pelo passeio ou se inclinavam para os cavalos que as puxavam na estrada, o West End era o produto final. Ora, Mrs. Ambrose achava-o fraco resultado para tamanha fábrica. Não sabia dizer porquê, mas era como ver um longo manto preto enfeitado com uma única borla dourada.

Notando que não se cruzavam com outros cabriolés, mas apenas com carrinhas e carroças, e que, vendo-se um milhar de homens e mulheres, não havia entre eles um único cavalheiro ou uma única senhora, Mrs. Ambrose concluiu que a norma era ser-se pobre e que Londres é a cidade de todos os pobres. Apanhada de surpresa por tal descoberta e tomando consciência de que jamais se aventurara fora da segurança de Piccadilly Circus, ficou enormemente aliviada ao passarem por uma escola noturna oficial do Conselho do Condado de Londres.

— Meu Deus, que cenário deprimente! — resmungou o marido. — Pobres criaturas!

Ela ia pensando nos filhos, naquela gente pobre e na chuva, e tudo isso a entristecia. O seu pensamento tornara-se uma ferida aberta.

Prestes a ser esmagado como um ovo, o cabriolé parou. A mesma beira-rio que outrora acomodara esquadrões e balas de canhão encolhera e tornara-se uma ruela calcetada permeada dos aromas do malte e do azeite e entupida de carroças. Enquanto o marido lia os avisos anunciando a hora de partida deste e daquele navio rumo à Escócia, Mrs. Ambrose esforçou-se por obter mais informação. Aquele mundo meio sumido num fino nevoeiro amarelado e que apenas queria saber de encher carrinhas e carroças com sacas disto e daquilo não os ajudaria nem lhes atenderia. Pareceu-lhe quase milagroso aproximar-se um velho

que lhes adivinhou o apuro e lhes propôs levá-los ao navio no seu barco a remos, que estava ancorado ao fundo de um lanço de degraus. Embora hesitantes, os dois entregaram-se nas mãos dele; instalaram-se e, passados instantes, estavam nas águas do rio, ao sabor da ondulação, flanqueados por uma Londres reduzida a duas linhas de edifícios ora oblongos ora quadrangulares, alinhados como cubos com que uma criança tivesse estado a brincar.

Refletindo uma irrequieta luminosidade amarelada, o rio corria com força; grandes barcas eram levadas por rebocadores e barcos da polícia passavam, velozes — o vento soprava a favor da corrente. Abrindo caminho pelo trânsito fluvial, o barco a remos que os levava ensaiava vênias e salamaleques. No meio da corrente, o velho firmou as mãos nos remos, e, cercado-os a força das águas, ele comentou que já tivera muitos passageiros, mas que agora raramente os tinha. Parecia recordar uma época em que, ancorado entre os juncos, o seu barco levava pés delicados até relvados em Rotherhithe.

— Eles agora querem pontes em todo o lado — queixou-se, indicando o vulto desmesurado da Ponte da Torre de Londres. Pesarosa, Helen fitou aquele homem que a levava para longe dos seus filhos. Pesarosa, ergueu os olhos para o navio de que se aproximavam; estava ancorado em pleno rio e o nome lia-se com dificuldade: *Eufrósina*.

Em breve seria noite e apenas se entrevia a cordoalha, os mastros e a bandeira escura que a brisa não deixava pender.

Parando junto do navio a vapor e recolhendo os remos, o velho apontou para cima e fez novo comentário: os navios de todo o mundo hasteavam aquela bandeira no dia da partida. Na imaginação dos seus dois passageiros, a bandeira azul tornou-se sinistra e um mau presságio, mas, ainda assim, eles ergueram-se, agarraram nas suas coisas e subiram a bordo.

Na sala de jantar do navio do pai, Miss Rachel Vinrace, de vinte e quatro anos, esperava nervosamente o tio e a tia. Eram parentes chegados, mas ela mal se lembrava deles; somando a isso,

eram de meia-idade, mas, sendo o seu pai quem era, ela teria de se dispor a fazer sala. Naquele momento, a sua disposição era a mesma da generalidade das pessoas civilizadas que aguardam o encontro com outras pessoas civilizadas: encaram-nas como um desconforto físico da mesma ordem de um par de sapatos demasiado apertado ou uma janela mal vedada. Preparada para o pior, ia pousando garfos ao lado de facas, certificando-se de que ficavam rigorosamente paralelos, até que ouviu uma voz masculina dizer, sombria:

— Numa noite escura, cai-se de cabeça por estes degraus.

Ao que uma voz feminina acrescentou:

— E morre-se.

Terminando a frase do marido, a mulher parou na entrada da sala de jantar. Alta, de olhos grandes e embrulhada em xai-les roxos, Mrs. Ambrose era uma visão romântica e bela, mas não demasiado simpática, porque os seus olhos olhavam a direito e avaliavam aquilo em que se fixavam. Tinha um rosto consideravelmente mais caloroso do que o semblante de uma estátua grega, mas, por outro lado, as suas feições bem marcadas distinguiam-na de uma típica inglesa encantadora.

— Rachel! Que tal estás? — cumprimentou ela, apertando a mão da sobrinha.

— Como tens passado, minha querida? — saudou Mr. Ambrose, inclinando a testa para receber um beijo. Rachel viu-lhe a figura magra, a cabeça grande, as feições amplas e o olhar atento e inocente e gostou instintivamente dele.

— Avise Mr. Pepper — disse a um empregado. Marido e mulher sentaram-se à mesa e ela sentou-se diante deles. — O meu pai disse para começarmos — explicou. — Está ocupado com a tripulação. Conhecem Mr. Pepper?

Acabava de chegar um homenzinho curvado como certas árvores quando se levanta um vendaval. Cumprimentando Mr. Ambrose com um breve aceno, estreitou as mãos de Helen nas suas.

— As correntes de ar... — disse, levantando a gola do casaco.

— Ainda sofre de reumático? — perguntou Helen. Tinha uma voz branda e sedutora, mas o tom era ausente, como se o pensamento dela continuasse ocupado com a cidade e o rio.

— Infelizmente, quando o reumático ataca, é para sempre — respondeu ele. — O estado do tempo tem alguma influência, claro, mas não tanta como as pessoas acham.

— Bem, ninguém morre de reumatismo — atalhou Helen.

— A maioria, não — replicou Mr. Pepper.

— Vai querer sopa, tio Ridley? — perguntou Rachel.

— Obrigado, querida — respondeu ele, e, erguendo o prato, exclamou, visivelmente aliviado: — Ah! Ela é o oposto da mãe!
— Helen não foi a tempo de fazer barulho com o copo para abafar o comentário e corou de embaraço.

— O que os empregados fazem às flores! — disfarçou. Puxou para si uma jarra verde com um bocal que lembrava um folho e entreteve-se a puxar os pequenos crisântemos um por um, dispondo-os com rigor miudinho na toalha de mesa.

Fez-se momentaneamente silêncio.

— Conhecia o Jenkinson, não é verdade, Ambrose? — perguntou Mr. Pepper do outro lado da mesa.

— O Jenkinson da Peterhouse?

— Morreu — revelou Mr. Pepper.

— Ah, coitado! — exclamou Ridley. — Conheci-o há muito tempo. Lembra-se do incidente do barco? Ele foi um herói. Era um tipo peculiar. Casou com uma rapariga empregada numa tabacaria e mudou-se para os Fens. Depois disso, nunca mais soube dele.

— Bebida... droga... — resumiu Mr. Pepper, sinistramente conciso. — Deixou um bilhete. Segundo ouvi, não se percebia uma palavra.

— Em todo o caso, um homem genial — comentou Ridley.

— O prefácio que ele escreveu para o Jellaby não está minimamente datado — concordou Mr. Pepper —, coisa espantosa, considerando que os manuais depressa se tornam obsoletos.

— Era uma teoria sobre os planetas, não era? — perguntou Ridley.

— Faltava-lhe um parafuso, claro — rematou Mr. Pepper, abanando a cabeça.

A mesa estremeceu. Lá fora, uma luz balouçou. Ouviu-se o toque insistente de uma campainha elétrica.

— Vamos levantar âncora — disse Ridley.

Sentiram uma primeira onda ligeira, depois outra, mais perceptível. Uma janela de cortinas abertas mostrou-lhes luzes deslizantes. O navio deu um sonoro gemido melancólico.

— Vamos zarpar! — anunciou Mr. Pepper. Outros navios que havia no rio responderam ao *Eufrosina* no mesmo tom lamentoso. Escutava-se nitidamente a agitação sibilante das águas, e o sobe-e-desce do navio desequilibrou o criado de bordo, que, chegando com pratos, foi correr a cortina. Fez-se um curto silêncio.

— E o Jenkinson do Cats? — perguntou Ambrose. — Mantém-se em contacto com ele?

— Vemo-nos uma vez por ano — respondeu Mr. Pepper. — Desta última vez, ele tinha tido a infelicidade de perder a mulher e o encontro foi triste.

— Sim, é um acontecimento muito triste — concordou Ridley.

— Pelo que percebi, ele tem uma filha solteira que lhe governa a casa, mas, na idade dele, as coisas nunca mais voltam a ser como eram.

Ambos assentiram, cientes de que assim acontecia, e cada um foi descascando a sua maçã.

— Havia um livro, não era? — indagou Ridley.

— *Havia*; não *haverá* — replicou Mr. Pepper num tom categórico que fez as duas senhoras à mesa erguerem o olhar. — E não haverá livro porque foi outro a escrevê-lo por ele — continuou Mr. Pepper com manifesta acidez. — É nisso que dá as pessoas adiarem as coisas por estarem mais preocupadas com colecionar fósseis e mandar fazer arcos normandos nas pocilgas.

— Confesso que isso me faz gostar mais dele. — Ridley suspirou, melancólico. — Tenho um fraquinho por pessoas incapazes de começar um projeto.

— Tudo aquilo que foi sendo acumulado ao longo de uma vida inteira, deitado ao lixo — considerou Mr. Pepper. — E o tipo junto tanta coisa que dava para encher um celeiro.

— É vício a que alguns de nós conseguem escapar — disse Ridley. — O nosso amigo Miles publicou mais um livro justamente hoje.

Mr. Pepper riu com azedume.

— Pelos meus cálculos, ele vem escrevendo dois livros e meio por ano. Se pensarmos que tem de lhe sobrar tempo para dormir e tudo o resto, não podemos deixar de lhe reconhecer uma dedicação louvável.

— Sim, os vaticínios do mestre dele estão a ser mais do que cumpridos — concordou Ridley.

— Os dois estavam em sintonia — resumiu Mr. Pepper. — Conhece a Coleção Bruce? Não se prevê que seja publicada, claro.

— Não me surpreende — disse Ridley, num tom que dizia mais do que as palavras. — Para seminarista, ele era... notavelmente livre.

— Refere-se a coisas como *A Bomba de Água de Neville's Row*? — perguntou Mr. Pepper.

— Precisamente — confirmou Ambrose.

Como era próprio do seu sexo, as duas senhoras à mesa estavam mais do que treinadas para encorajar a conversa entre os homens sem ouvirem uma palavra do que eles diziam. Dessa maneira, podiam ir pensando na educação das crianças ou no uso de uma corneta de nevoeiro numa ópera sem traírem a desatenção. Ainda assim, Rachel estava demasiado quieta, achou Helen; disfarçaria melhor se ocupasse as mãos.

— E se nós...? — acabou por dizer, e as duas ergueram-se e deixaram a mesa, para vaga surpresa dos dois cavalheiros, fosse

por cuidarem que elas estavam interessadas na conversa ou por se terem esquecido da sua presença.

— Ah, os nossos velhos tempos estão cheios de histórias curiosas — ouviram Ridley dizer, tornando a afundar-se na cadeira. Antes de deixarem a sala de jantar, olharam ambas uma última vez para trás, e dava a ideia de que Mr. Pepper esquecera os modos de cavalheiro para se tornar um velho chimpanzé animado e malicioso.

Cobrindo a cabeça, Helen e Rachel saíram para o convés. O navio seguia a bom ritmo pelo rio, cruzando-se com os vultos de navios ancorados, e Londres era um fervilhar de luzes encimado por um dossel amarelo-pálido. Havia as luzes dos teatros conhecidos de toda a gente, as luzes das ruas que se estendem a perder de vista, as luzes das grandes praças rodeadas de lares aconchegantes e as luzes sobre tudo isso. Jamais aquelas luzes se apagariam e assim era havia séculos. Londres arderia eternamente, mas sempre continuaria onde estava; essa ideia assustadora fazia muitos aventurarem-se a subir a bordo de um navio e então, olhada na distância, a cidade tornava-se um outeiro para sempre ardido e devastado. Contemplada daquele convés, a majestosa Londres era uma criatura encolhida e covarde, sedentária e sovina.

Pararam lado a lado na amurada.

— Não vais ter frio? — perguntou Helen.

— Não — respondeu Rachel. — É tão bonito! — disse, instantes depois. Distinguia-se muito pouco: alguns mastros, uma sombra de terra firme aqui, janelas iluminadas ali. Enfrentando o vento, tentaram avançar pelo convés.

— Como ele sopra! Como ele sopra! — arquejou Rachel; as rajadas mal a deixavam falar. Lutando para se manter ao seu lado, Helen foi repentinamente tomada da determinação de avançar, e então, embrulhando-se-lhe as saias em volta dos joelhos, ela ergueu as mãos, segurou os cabelos e assim fez. Contudo, a inebriação do combate acabou por passar e o vento pareceu-lhe demasiado áspero e gelado. Espreitaram a sala de jantar por uma

fresta do estore e viram que os homens tinham acendido charutos. Mr. Ambrose recostou-se violentamente na cadeira e Mr. Pepper franziu-se tanto que as faces dele pareciam talhadas em madeira. Assombrou-as o fantasma de um riso estrondoso, logo silenciado pelo vento. Abrigados da humidade naquela sala de jantar de luminosidade amarelada, Mr. Pepper e Mr. Ambrose tinham-se alheado do tumulto do mar; estavam de regresso a Cambridge e, quase de certeza, a 1875.

— Aqueles dois são velhos amigos — explicou Helen, sorrindo ao observá-los. — Diz-me: há alguma sala onde nos podemos sentar as duas?

Rachel abriu uma porta.

— Isto não é propriamente uma sala — avisou. — Quando muito, é um patamar. — Na verdade, aquele espaço nada tinha do carácter estacionário e fechado de uma sala em terra firme. Havia assentos montados nas paredes e uma mesa fixada no chão. Os alegres sóis tropicais tinham desbotado as tapeçarias, tornando-as vagamente azul-esverdeadas. Havia um espelho com moldura de conchas, fruto do esmero do criado de bordo durante longas horas mortas nos mares do Sul; por ser engraçado, não era feio. Conchas como chifres de unicórnio rematadas por lábios vermelhos enfeitavam a prateleira do fogão adornada com uma cercadura de veludo roxo com borlas. Havia duas janelas voltadas para o convés e a impiedosa claridade amazónica que por ali entrara em viagens anteriores amarelecera e empastelara as reproduções de quadros na parede do fundo, mal se distinguindo agora o Coliseu de Roma de Alexandra da Dinamarca a brincar com os cães. Dois cadeirões de verga voltados para o fogão convidavam a aquecer as mãos numa grade com o dourado a descascar; e, por cima da mesa, balançava um grande candeeiro — e é graças a eles que vemos a luz da civilização quando andamos perdidos em campos sombrios.

— É curioso: parece que todos são velhos amigos de Mr. Pepper — comentou Rachel, tentando a medo fazer conversa;

sentia-se constrangida, a saleta era desconfortável e a tia mantinha-se estranhamente silenciosa.

— Imagino que, nesta altura, nem dêes pela presença dele — disse Helen.

— Ele é como isto — respondeu Rachel, apontando para um fóssil de peixe num prato decorativo.

— És demasiado severa — censurou a tia.

No mesmo instante, Rachel tratou de emendar o comentário, que nem sequer correspondia ao que de facto achava de Mr. Pepper.

— Mal o conheço — disse, e refugiou-se nos factos, crente de que os mais velhos os preferiam aos sentimentos. Desfiou o que sabia sobre William Pepper. Disse a Helen que ele os visitava todos os domingos, a menos que estivessem para fora; e que era versado em muitos assuntos, entre eles, matemática, História, língua grega, zoologia, economia e sagas. Traduzira poesia persa, tornando-a prosa inglesa, e da prosa inglesa fizera poesia iâmbica grega; era uma autoridade em numismática e... havia mais qualquer coisa... ah, claro, era um entendido em trânsito, se ela bem recordava.

Estava ali com eles porque queria coisas que havia no mar, a menos que fosse escrever sobre a hipotética rota de Ulisses, ou não fosse o grego antigo o seu passatempo.

— Tenho todas as brochuras dele — continuou Rachel. — São sempre iguais: uns caderninhos amarelos com poucas folhas. — Pelo tom, parecia não ter lido uma única.

— Conhecem-lhe alguma paixão? — perguntou Helen, que entretanto se sentara.

Era uma pergunta surpreendentemente direta.

— O coração dele é um sapato velho — declarou Rachel, pousando o peixe. Insistindo a tia em saber mais, acabou por confessar que nunca lhe perguntara sobre isso.

— Hei de eu perguntar-lhe — declarou Helen. E, mudando de assunto: — Da última vez que te vi, estavas a comprar um piano,

lembras-te? O piano, o quarto no sótão, aquelas plantas enormes cheias de picos...

— Sim; as minhas tias diziam que o chão ia acabar por cair, e eu pergunto: na idade delas, seria assim tão mau um piano cair-lhes em cima durante a noite e matá-las? — questionou.

— A tia Bessie escreveu-me não há muito tempo — disse Helen. — Teme que fiques com uns braços feios se continuares a estudar tanto.

— Sim, tocar piano desenvolve os músculos do antebraço. Ela tem medo de que eu não case por esse motivo?

— Não foi bem o que ela disse — defendeu-a Mrs. Ambrose.

— Ah, claro; a tia Bessie jamais afirmaria semelhante coisa — disse Rachel, deixando escapar um suspiro.

Helen observou a sobrinha: as feições pouco definidas sugeriam um espírito indeciso e só uns olhos grandes e inquisitivos a salvavam de ter uma cara insípida. Agora que vivia fechada em casa, tinha um ar descorado, que, somado à falta de carácter do seu rosto, assegurava que ela nunca seria bela. Além disso, falava com muitas hesitações, ou, melhor dizendo, tinha queda para escolher as palavras erradas, sugerindo isso uma incompetência anormal para a idade. Até ali, Mrs. Ambrose estivera a falar por falar, mas, naquele momento, tomou consciência de que passaria três ou quatro semanas a bordo daquele navio, forçando-a isso a um convívio próximo com a sobrinha que não lhe apetecia de todo. Se, o mais das vezes, as mulheres da sua idade a entediavam, supunha que privar com jovens casadoiras seria ainda pior. Tornou a atentar em Rachel. Sim! Saltava à vista que ela era vacilante e emotiva e que, da mesma maneira que um galho toca na água e a ondulação logo desaparece, também ela esquecia rapidamente tudo o que lhe fosse dito. Helen não conhecia uma única rapariga interessante: todas eram inconstantes; faltava-lhes personalidade; deixavam muito a desejar. Willoughby falara em três semanas ou quatro? Tentou recordar-se.

«Ela queria muito mais do que o amor
de um ser humano — queria o mar e o céu.»

Rachel Vinrace, nascida e criada na alta sociedade inglesa, embarca com os tios no *Eufrósina*, a caminho da América do Sul, onde se apaixona por Terence Hewet, aspirante a escritor. Nesta travessia, Rachel abandona o território previsível e inocente da adolescência e é confrontada com a inquietação da juventude, com o abismo intransponível entre o que se sente e o que se consegue expressar, e com a solidão que habita esse hiato.

Publicado em 1915, o primeiro romance de Virginia Woolf antecipa alguns dos temas que viriam a pautar a sua obra — a denúncia arguta dos vícios da classe em que se movia e a indagação subtil da vida interior da mulher e do seu lugar no mundo —, uma das mais originais e marcantes da literatura do século xx.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução e introdução de Miguel Romeira



Somewhere in between
I'll be waiting.
2019
(óleo sobre painel de madeira)
Sylvia Batycka

© Sylvia Batycka /
Bridgeman Images

 penguinlivros.pt

   [penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789897847929



9 789897 847929 >